



O local no nacional: um debate sobre os sotaques no telejornalismo de rede no Brasil¹

Christyann Lima Campos BATISTA²

Marcos Arruda Valente de FIGUEIREDO³

Universidade Federal do Maranhão, UFMA, São Luís-MA

Resumo

A discussão sobre o Telejornalismo e suas diversas abordagens tem ganhado espaço, e uma dessas abordagens diz respeito a representação da cultura regional da linguagem oral na rede. Portanto, este trabalho tem o intuito de estabelecer se os sotaques são preservados na transmissão de notícias de caráter nacional. A pesquisa constatou que o trabalho de suavização do sotaque existe, porém só é feito quando este se sobressai a notícia. Entretanto, empiricamente, todas as transmissões regionais em relação as nacionais tem predominantemente um sotaque neutro. Conclui-se que as dimensões regionais linguísticas não são preservadas, necessitando de um estudo mais amplo para reafirmar tal hipótese.

Palavras-chave

Telejornalismo; regionalismo; sotaque.

Introdução

O Brasil é um país de dimensões continentais! Com certeza, essa assertiva é comum nas aulas de ensino fundamental e médio. Um clichê que não deixa de descrever o tamanho geográfico e cultural do país. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2009), o Brasil é o quinto maior país do mundo, com uma área total de 8.514.876 Km², 5.564 municípios, 26 estados e 1 distrito federal e cinco regiões geopolíticas: cada uma com sua história, cultura e peculiaridades. Uma população de quase de 200 milhões de habitantes, resultante de um processo de formação histórica diversificada, envolvendo vários povos e línguas.

No país que virou sinônimo de diversidade, há uma manifestação marcante da linguagem oral. Um traço distintivo dos diversos povos que compõem a nação. Segundo

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação. 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão UFMA; chrislima.fj@gmail.com

³ Orientador do Trabalho. Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão UFMA; valentemarcos@yahoo.com.br



França (et. al., 2004), define-se como linguagem o resultado de uma interação do sistema nervoso com outras estruturas anatômicas. Uma função superior do cérebro.

Ainda segundo outros autores a linguagem oral

“serve de veículo para a comunicação, ou seja, constitui um instrumento social usado em interações visando à comunicação. Desta forma, deve ser considerada mais como uma força dinâmica ou processo do que como um produto. Pode ser definida como um sistema convencional de símbolos arbitrários que são combinados de modo sistemático e orientado para armazenar e trocar informações” (SCHIRMER, FONTOURA e NUNES, 2004).

No tocante as diversificações que a língua portuguesa adquiriu, podem-se perceber as diferenças acústicas que marcam os falantes de certas regiões ou localidades: os sotaques. Marchesan (2004) ao citar o conceito do dicionário Houaiss⁴ define sotaque como a pronúncia característica de um país, de uma região, de um indivíduo. É o acento utilizado por cada indivíduo, como por exemplo, o sotaque do nordestino, do gaúcho ou do carioca. Também se considera como sotaque a pronúncia imperfeita de um indivíduo ao falar uma língua estrangeira, devido à transferência que ele faz de hábitos fonéticos da língua materna para a outra língua, seja na articulação e/ou na entonação, e que frequentemente nos permite identificar a sua origem.

Os sotaques definem as marcas acústicas de quase todas as populações do país, porém existem, ainda, algumas regiões que se definem sem sotaque ou com sotaque neutro. Este padrão é citado como o utilizado na TV. Este veículo, a televisão, é um definidor de culturas linguísticas, responsável pela disseminação não só de entretenimento, informação e notícia, mas dotado de práticas discursivas que interferem de uma forma abrangente o povo brasileiro.

Formatando-se como um veículo de grande amplitude e cobertura, a televisão faz parte da cultura nacional. Segundo Behlau e Stier (2001), a TV apresenta uma de suas formas mais representativas na formação de opinião através dos telejornais. As autoras afirmam que os noticiários de TV devem cumprir a função de informar com clareza e verdade. Os meios de comunicação exercem grande influência em nossa cultura. Refletem, recriam e disseminam um conteúdo que passa a ser relevante para a sociedade, seja em termos de informação, seja em termos de entretenimento (MORAN, 1991).

⁴ Houaiss A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001



Toda essa devoção à televisão foi refletida e transferida para o telejornalismo, que, devido principalmente ao componente imagem, alcançou um forte status de credibilidade (MORONE e FILHA, S/D). Cabe então ao repórter o papel de transmitir veracidade à notícia relatada.

Batista e Figueiredo (2009) definiram ao estudar a fonoarticulação do telejornalista que, uma das características fundamentais para a padronização de uma comunicação nacional é a fala do repórter ou do apresentador de telejornal que deve ser direcionada para a redução dos regionalismos, configurando assim um padrão de transmissão a nível nacional.

Este comportamento pode ser observado quando tomamos como exemplo a Rede Globo de Televisão, emissora alvo deste estudo. No Brasil, a Rede Globo de Televisão, da família Marinho, é, segundo o IBOPE, a líder de audiência na maior parte dos horários, configurando-se, há quase quatro décadas, como a mais importante empresa do mercado televisivo nacional e como a que mais investe na regionalização da programação (BAZI, 2007).

Atualmente, a emissora que tem a sede de suas transmissões nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, aplica um sistema de filiais e afiliadas por todo o país. Através de suas parceiras, a Rede busca imagens, falas e discursos para a construção da notícia. A partir desta percepção é que se questionou como tese principal deste artigo como a Rede Globo formata a fala dos telejornalistas para a emissão de notícias em rede nacional: há o nivelamento ou a exclusão dos sotaques? Qual é o padrão utilizado pela emissora para o reconhecimento das características regionais no telejornalismo?

A televisão no Brasil nasceu local, na cidade de São Paulo. Como afirma Melo (2000), “em uma primeira fase a TV brasileira era totalmente regionalizada, para não dizer localizada. Então veio a fase da nacionalização, e agora nós precisamos é fazer uma articulação sadia entre o global, o nacional e o local”. Com a evolução tecnológica foi possível a ampliação dos sinais e a cobertura nacional. O brasileiro construiu uma relação íntima com a TV, principalmente com a TV aberta. O telespectador se reconhece na ‘telinha’, ou busca por meio desta a legitimação do seu discurso, e para tal o regional se torna um elemento fundamental no estabelecimento de um discurso pautado na realidade concreta.

Segundo Marques (S/D), o discurso jornalístico busca a linguagem como uma das formas de lidar com a auto-referencialidade, sendo tomada como “variante,



arbitrária, volátil, apenas parcialmente objetiva, dado que só consegue apreender parte da totalidade que referencia a realidade”. De forma oposta, Criado (2006), afirma que o

“jornalismo convencional, em vez de penetrar na realidade, trata de legitimar a diferença, a exclusão e o privilégio. Numa refinada operação ideológica reforça preconceitos e estereótipos. Caberia, assim, *a outra prática jornalística*, resgatar a legitimidade dos diversos falares existentes em nosso país”.

Entendemos que, o jornalismo convencional engloba o Telejornalismo, que por sua vez, não privilegia os marcantes regionais na fala dos repórteres e apresentadores. Mas observa-se em outros tipos de gêneros televisivos a forte presença dos sotaques como marcadores de legitimidade dos falantes do português no Brasil. Tal como nos programas de humor, transmissões esportivas, culturais, entre outras.

Ao debater o local, não temos a intenção de pontuar o reconhecimento do telespectador com a programação de sua cidade. Este laço é perfeitamente definido e importante. O jornalismo de TV que tenha um caráter realmente local pode influenciar o sentimento de pertencimento do cidadão, de reconhecimento por ele do que seria o seu espaço público; o telespectador que assiste ao telejornal local se identifica com o que está vendo porque a notícia da cidade apresentada na tela efetivamente faz parte da sua vida cotidiana (MARTINS, 2007).

O foco principal é mostrar como é a representação da fala do profissional que fornece a notícia para a rede nacional, fato recorrente numa emissora de rede como é o caso da TV Globo. Tal como afirma Kurth (2006), “a baixa auto-representação das culturas regionais parece ser um imperativo do modelo de rede nacional. [...] Percebe-se que a Rede não é o conjunto, e por isso não fala por todos. A Rede só fala por ela mesma”.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter exploratório com nuances descritivas, realizado através de pesquisa de campo e de pesquisa bibliográfica. Estudo de natureza predominantemente qualitativa.



Neste estudo foram incluídos como sujeitos de pesquisa os fonoaudiólogos das emissoras de TV filiadas e afiliadas à Rede Globo de Televisão. Ao todo, foram enviados 43 questionários a igual número de profissionais, filiados e afiliados à rede.

A estes profissionais foi aplicado um questionário de 7 questões (qualitativas e quantitativas) que buscaram a identificação do trabalho fonoarticulatório com os telejornalistas das emissoras em que trabalham. Todos os fonoaudiólogos que responderam ao questionário foram considerados como sujeitos de pesquisa. Aos que não responderam ou rejeitaram a proposta, não foram incluídos nas discussões finais.

Buscaram-se principalmente os profissionais que trabalhavam em cidades onde a presença do sotaque é bem marcante, sendo visível a inclusão de representantes de todas as regiões geopolíticas do Brasil.

A partir da interpretação dos dados propostos pelos fonoaudiólogos, foi realizada a discussão pautada principalmente nas informações transmitidas pelo primeiro grupo, com alguns artigos que relatam o enfoque que se dá ao sotaque quando se formata uma notícia para o caráter nacional.

Através de uma análise crítica, embasada no empirismo, no estudo profundo dos artigos científicos da área, no diálogo direto com os profissionais e principalmente na construção do olhar discursivo do texto orientado por diversos professores, este estudo tenta delimitar como é feita essa organização da fala local em relação à transmissão de notícias de caráter nacional.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Sotaque no telejornalismo: suporte fonoarticulatório

O profissional responsável pelo trabalho com a fonoarticulação do telejornalista é o fonoaudiólogo. Este trabalho tem se difundido pelo país e a Rede Globo foi a pioneira em adotar este serviço para seus telejornalistas. Segundo Batista e Figueiredo (2009), o pioneirismo da Rede Globo de Televisão em disponibilizar de forma permanente o serviço de Fonoaudiologia aos profissionais da emissora só corroborou para a configuração de um chamado “padrão” para a transmissão da notícia. Atualmente, outras emissoras adotam o dito “padrão” de jornalismo, adequando conteúdo e forma para a universalização de uma prática.



Relaciona-se aqui a abordagem no trabalho fonoarticulatório com jornalistas de TV, que é vivenciado pela: linguagem de TV, estilo, locução, sotaque e atuação em saúde multidisciplinar. Tendo principalmente em destaque o aspecto ‘sotaque’ podemos inferir que este fator é uma das marcas discursivas que mostram a inserção da linguagem oral do telejornalista, pois este faz uso do seu aparelho fonador para desenvolver sua atividade.

Tais afirmações sobre o comportamento e atuação da rede nacional são reiteradas por diversos autores, bem como as citações sobre a Constituição Federal no seu artigo 221 do capítulo V que destaca a valorização do produto regional. Desta forma, observa-se que é *mister* que a cultura regional ou local, esteja representada também no discurso jornalístico de TV, fato que não vem ocorrendo em diversas redes de televisão no país.

Tendo em vista o amplo aparato bibliográfico, mesmo sem a identificação deste aspecto que se propõe o estudo, busca-se com este artigo pontuar a partir da ótica dos profissionais que lidam com a ‘possível’ correção dos sotaques, no caso os fonoaudiólogos, como é formatado o trabalho com os regionalismos nas emissoras locais em relação à rede nacional.

Durante a pesquisa alguns obstáculos surgiram como, por exemplo, uma gerente de comunicação da rede enviou um e-mail de retorno a todos os profissionais que participavam da pesquisa, solicitando aos mesmo que não respondessem ao questionário. Esta atitude teve como justificativa e não propagação do conhecimento construído por esses profissionais, a fim de restringir a publicação de técnicas e atividades que eram desenvolvidas, sendo que em nenhum momento a intenção no primeiro contato fosse tal descrição.

Como a limitação deu-se a cinco dias do envio do contato inicial, apenas 5 profissionais responderam. E destes, podemos destacar as seguintes informações:

- Em relação às atividades desenvolvidas com estes profissionais: predominância do trabalho com o ritmo, entonação, voz, ênfase e expressão corporal em frente às câmeras. Tipo: avaliação periódica e adimensional, treinamento individual e em grupo, entre outros;
- 60% trabalhavam em regiões com sotaque;
- Das que trabalhavam em regiões com sotaque, destacaram-se o sotaque açoriano, nordestino (levemente africado em fonemas línguo-dentais) e acentuado em fricativos surdos /s/ (comum no Rio de Janeiro e Pará);



- 60% destacaram que a formatação da notícia se dá pelo repórter local preparado para a transmissão na emissora local e na rede nacional;

- 80% comentaram que existe o trabalho de redução, suavização ou extinção dos sotaques, sendo que todos os repórteres não apresentam recusa a este tipo de modificação.

É importante salientar que os indivíduos pesquisados ressaltaram que o trabalho de suavização de sotaques só ocorre quando este interfere na notícia de forma significativa, mas que identificam esta qualidade como à própria marca cultural de cada região, o que é inclusive citado como marcador de credibilidade.

Em outras respostas podemos destacar que o trabalho de suavização só é indicado nos casos onde há evidente sobreposição deste à notícia, distraindo a atenção do telespectador. Há também o estranhamento do telespectador regional ao ver sua cidade ou região não representada de forma real em relação à rede nacional.

Este trabalho não se ateve a destacar a própria notícia e sua transmissão, pois percebemos que, geralmente, quando os repórteres são destacados para transmitir uma notícia local a rede nacional este não possui sotaque identificável, apresentando, portanto, um sotaque neutro.

Para Viana (2000), a língua é decorrente das leis fonéticas, que percorrem todo um processo evolutivo, de leis externas, como no caso dos empréstimos lingüísticos (estrangerismos), além do próprio usuário que dá sentido a língua. Há de se evidenciar que as variações lingüísticas advindas de um processo histórico e cultural amplamente complexo e difuso, não podem ser encaradas como preconceito ou como exclusão, como é facilmente perceptível em nossa realidade comunicacional.

3.2 O discurso jornalístico inserido em realidades distintas

Segundo Kauffman (2005), os meios de comunicação pouco ou nada noticiam um fato em curso que diz respeito à própria mídia e a toda a sociedade, sendo afirmativo o encerramento da checagem da notícia. Tal assertiva do autor deve-se a percepção do expresso imediatismo da mídia, que aconteceu com aumento expressivo dos canais de difusão, concomitante a redução do número de profissionais dedicados a certas áreas levando a uma redução de qualidade da informação jornalística.

O imediatismo também é invocado por Paternostro (2005) da seguinte forma:



“A TV transmite informação atualizada quando mostra o fato no momento exato em que ocorre. A alta tecnologia permite que a informação imediata chegue através da imagem. Os satélites mostram fatos ocorridos do outro lado do mundo (PATERNOSTRO, 2005, p.75).”

No Brasil este fato também é recorrente, visto que por suas dimensões continentais é impossível que uma rede única e integrada consiga apreender os fatos nos instantes em que os mesmos ocorrem em todas as regiões do país. Para tal, a transmissora conta com o apoio das emissoras filiadas (no caso da Rede Globo, a Globo Rio, Globo São Paulo, Globo Nordeste [Recife], Globo Minas [Belo Horizonte] e Globo Brasília) e das afiliadas (diversas retransmissoras nas cidades e regiões do país).

Dado um conjunto de dimensões que são externas ao discurso jornalístico, como o próprio regionalismo, como então fomentar um discurso unificado, num país de tantas diversidades, tantas peculiaridades? No caso do sotaque, opta-se pela utilização de um sotaque neutro, ou seja, comum e identificável a todos os falantes da língua portuguesa no território nacional?

Como destaca Tuchman (1978), no processo permanente de definir e redefinir os acontecimentos sociais na construção de notícias, os jornalistas precisam referenciar seu discurso numa realidade concreta, atrelando-se ao fato (reflexividade) e mesmo quando se distanciam desse processo, ou seja, carregam seu discurso de uma abordagem interpretativa (indexicalidade), estes não podem fugir totalmente da realidade que eles próprios caracterizam, registram e estruturam.

Neste sentido, temos a intenção de que o jornalista, ou o telejornalista no caso, necessite não só reportar-se ao fato de forma coerente, seja pela objetividade ou opinião, mas considerar onde os acontecimentos ocorrem e como os mesmos irão manter (ou apagar) as marcas enunciativas que são próprias do discurso jornalístico.

O que ocorre no telejornalismo brasileiro é que cada vez mais se tenta apagar essas marcas quando tratam da linguagem oral, onde são mais perceptíveis na televisão. Percebemos que não há a preservação das características originais em nenhuma região, e mesmo identificando que há a presença de certos sotaques, os mesmos originalmente não são mantidos.

Tal afirmação, como já explicado anteriormente, deve-se ao fato de não permitir que este sotaque se sobressaia a notícia. O que é coerente, visto que, para um habitante da região sul o sotaque recifense, por exemplo, chamará muito atenção se comparado ao



conteúdo da própria notícia, pois o mesmo é estranho e incomum para aquele telespectador.

A discussão sobre este tipo de carregamento lingüístico é complexa e não cabe a este estudo criticar ou afirmar atitudes que vem sendo tomadas no telejornalismo brasileiro. Entretanto, observamos sensivelmente que não podemos afirmar que há o apagamento total dos sotaques e nem a manutenção dos mesmos, sendo plausível a afirmativa de que o local não está *totalmente* representado na transmissão nacional quando se trata de Telejornalismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre os sotaques no telejornalismo brasileiro enfrentou obstáculos não planejados em sua concepção, mas a coleta nos permitiu estabelecer algumas considerações tangentes ao assunto:

- O trabalho de suavização dos sotaques existe e é uma prática no atendimento dos telejornalistas quando o sotaque do mesmo se sobrepõe a notícia;
- As notícias no telejornalismo não estão pautadas completamente na realidade cultural e lingüística dos transmissores locais;
- Necessitamos de um estudo amplo, que se prontifique a analisar não só o trabalho do fonoaudiólogo com os telejornalistas, mas a notícia em si, e reafirmar ou dissuadir as hipóteses aqui descritas.

Referências bibliográficas

BATISTA, C.L.C.; FIGUEIREDO, M.V.A. Telejornalismo e Fonoaudiologia: reflexões sobre a utilização saudável da fonoarticulação. In: Jornada de Iniciação Científica Intercom Júnior do XI CONGRESSO REGIONAL DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM NORDESTE, *Anais...* Teresina: UFPI- INTERCOM, 2009.

BAZI, R.E.R. Aspectos da TV regional e a Globo no cenário da regionalização. *Acervo Online de Mídia Regional*. v.6, n.7, p.3-16, set./dez. 2007.

BEHLAU M.; STIER M.A. Voz profissional do repórter de TV. In: BEHLAU M. *A voz do especialista*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.



CRIADO, Alex. **Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem**. 2006. 144 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FRANÇA, M.P. et.al. Aquisição da linguagem oral: relação e risco para a linguagem escrita. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, v.62, n.2-B, p.469-472, 2004.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001

INSITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Brasil em síntese**. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm> Acesso em 15 abr. 2009.

KAUFFMAN, R. O todo não é verdade. **Revista PUC Viva**, São Paulo, v.7, n.25, p.75-81, out 2005-mar 2006.

KURTH, E. Representação das emissoras regionais na grade de programação nacional de programação das redes de televisão. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.3, n.1, p.89-98, jan./jun. 2006.

MARCHESAN, I.Q. Alterações de fala de origem musculoesquelética. In: FERREIRA LP, BEFI-LOPES DM, LIMONGI SCO. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Rocca, 2004.

MARQUES, F.E.S. **Ética e discurso jornalístico**. Biblioteca online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt> Acesso em: 20 maio 2009.

MARTINS, S. Da audiência presumida ao telespectador participativo: telejornalismo e identidade local no Jornal da Alterosa edição local. Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação do XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, **Anais...** Santos, INTERCOM, 2007.

MELO, J.M. **Regionalização da televisão**. Entrevistadora: Carla Pollake da Silva. Rio de Janeiro, 30 nov. 2000.

MORAN, J. M. **Como ver televisão**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MORONE, A.O.; FILHA, E.A.O. **Estereótipos do telejornalismo brasileiro**: identificação e reforço. Biblioteca online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt> Acesso em: 20 maio 2009.

PATERNOSTRO, V.I. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Campus, 2005.

SCHIRMER, C.R.; FONTOURA, D.R.; NUNES, M.L. Distúrbios de aquisição de linguagem e aprendizagem. **Jornal de Pediatria**, n.80, n.2(supl), p.s95-s103, 2004.

TUCHMAN, G. As notícias como uma realidade construída. 1978. In: ESTEVES, J.P. (org). **Comunicação e Sociedade: os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

VIANA, M.A. **As mudanças na morfologia da língua portuguesa**: fatores intervenientes. Recife: Academia Pernambucana de Letras, UFPE, UNICAP, 2000.